

Editorial - Abaixo os Alpes, vista livre sobre o Mediterrâneo! - Walter Ruggle

Já passaram vinte anos desde que um movimento juvenil chamou a atenção pública na Suíça. A sua revolta dirigiu-se, no início dos anos oitenta, contra a cultura da alta burguesia, reivindicando uma partilha mais justa dos fundos públicos e mais espaços autónomos. No estrangeiro, esta revolta foi vista com alguma estranheza, afinal sempre se partira do princípio de que, na Suíça, tudo estaria organizado da melhor forma possível. Por altura deste movimento floresceram as palavras de ordem pelas asseadas paredes das casas suíças. Uma delas dizia: “Abaixo os Alpes, vista livre sobre o Mediterrâneo!”

Quando estava a organizar o programa deste ciclo de cinema e a reflectir sobre alguns filmes, lembrei-me desta frase. Ela é, entre outras coisas, expressão de uma saudade alpina de sair da estreiteza das montanhas, para alcançar e desfrutar a vastidão do mar. Isto tem a ver com a saudade de outra paisagem, mas também representa um estado de espírito, a ânsia da lonjura e o desejo de um ritmo de vida mais simples. Claro que na Suíça amamos a nossas montanhas e muitas vezes nos esforçamos para as escalar. Talvez até o façamos na esperança de, lá no alto, alcançarmos ao longe o azul do mar.

Para nós, gente do interior, o mar é um sonho. Há imagens em filmes, em que a perspectiva sobre os lagos suíços foi escolhida de forma a que a água apareça sem a margem oposta, para se encontrar directamente com o céu e criar a ilusão de um mar. Também aqui se deseja poder olhar sem margens. Diferentes cineastas realizaram em nosso nome o sonho de vista sobre o mar, captando imagens e histórias dele no ecrã, a nossa janela sobre o mundo. Isto é particularmente evidente no filme de Daniel Schmid, “Hors Saison”. É através do ouvido que, na aldeia alpina, o jovem com a concha leva o mar para casa. No final, abre-se a janela sob o telhado e em vez do imponente cenário das montanhas, oferece-se-nos uma vista livre sobre o mar.

A nostalgia do distante, a saudade e, não de somenos importância, a imensa superfície de projecção que o mar representa, sempre terão estimulado cineastas. Nós tomámos a liberdade de entender o tema deste ciclo de forma abrangente e de o variar, seguindo, por exemplo, o percurso da água desde as suas nascentes até ao desaguar no mar. Talvez também interesse às pessoas que vivem à beira-mar, saber o que a água faz nas montanhas, de onde vem a imensa água que banha a sua costa. Por isso se apresentam filmes que não saem da Suíça, mas que, através da água, deixam perceber que a vida não termina nas fronteiras feitas pelas pessoas. Filmes que, como “Le voyage de Noémie” de Michel Rodde, falam da curiosidade infantil em conhecer para onde a água viaja quando desaparece para além das fronteiras de um país.

A água talvez seja o elemento mais cinematográfico, sempre fluindo, sempre em permanente transformação, até nos seus estados de agregação. Há curtas metragens que brincam com este facto ou que se aproveitam da própria fluidez do filmar. Entre os cineastas que realizaram o sonho do mar, existem aqueles, como o genebrino Alain Tanner, que têm laços biográficos com cidades portuárias, e em Génova (“Les hommes au port”) e Lisboa (“Dans la ville blanche”) criaram maravilhosas homenagens ao viver à beira-mar, deixando-se inspirar pelo “tempo dos mares”. Há outros que procuram uma aproximação ensaística à compreensão do fenómeno, como por exemplo Bruno Moll com “Gente di mare”. Na Suíça, o sonho do mar ficará muitas vezes obrigatoriamente limitado a um sonho no lago,

mas o fascínio da água articula-se de várias formas em filmes como “Vollmond” de Fredi Murer (onde até uma figura principal se chama Wasser - água) ou “Signers Koffer” de Peter Liechti. Existe algo de comum entre todos estes filmes? No fundo, não. Ou, a haver, talvez só por darem expressão à vida que flui, a caminho desde a nascente até desaguar num mar.